



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia

Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO *EME PARA*
OS DIREITOS HUMANOS, NO CONTEXTO DA
DIVERSIDADE CULTURAL - EEDH**

GESSIKA DE ALMEIDA BRANDÃO XAVIER

**O *BULLYING* E SUAS MANIFESTAÇÕES NO AMBIENTE
ESCOLAR – O TRABALHO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA
POSTURA HUMANÍSTICA**

BRASÍLIA

2015



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Psicologia
Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação *Lato Sensu*

GESSIKA DE ALMEIDA BRANDÃO XAVIER

**O *BULLYING* E SUAS MANIFESTAÇÕES NO AMBIENTE
ESCOLAR – O TRABALHO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA
POSTURA HUMANÍSTICA**

Monografia apresentada à banca examinadora da Universidade de Brasília – UnB, como requisito para obtenção do grau de Especialista no curso de Educação Em e Para os Direitos Humanos, no Contexto da Diversidade Cultural.

Orientador: Prof.Dr. Carlos Hugo Studart Corrêa.

BRASÍLIA

2015

Xavier, Gessika de Almeida Brandão

O *Bullying* e Suas Manifestações no Ambiente Escolar – O Trabalho para o Desenvolvimento de Uma Postura Humanística / Gessika de A. B. Xavier – Brasília, 2015.

f. 33 : il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade de Brasília – UnB, para especialização em Educação Em e Para os Direitos Humanos no contexto da Diversidade Cultural - EaD, 2015.

Orientador: Prof. Carlos Hugo Studart Corrêa

1. Direitos Humanos 2. *Bullying* 3. Estigma. I. Título.

GESSIKA DE ALMEIDA BRANDÃO XAVIER

O “BULLYING” E SUAS MANIFESTAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR – O TRABALHO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA POSTURA HUMANÍSTICA

Monografia apresentada como requisito para obtenção do grau de Especialista em Educação Em e Para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, pela Universidade de Brasília- UnB. Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Carlos Hugo Studart Corrêa
Universidade de Brasília- UnB

Examinador: Prof. Dr. Luiz Roberto Martins
Universidade de Brasília – UnB

Brasília, 2015

Dedico este trabalho aos que amo e a todos
que me apoiaram neste momento de grande
empenho para conclusão deste projeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, em primeiro lugar, por ter me sustentado até este momento e ter me concedido forças para finalizar este trabalho.

Agradeço também ao meu marido pelo apoio oferecido e por entender os muitos períodos que precisei reservar para a realização deste projeto.

Agradeço a minha família por também entender as minhas ausências e pelos incentivos com palavras de motivação.

Agradeço a escola e todos os professores que contribuíram para que a pesquisa e o projeto fossem realizados.

Agradeço ao meu professor Carlos Hugo Studart Corrêa pela orientação e a UnB pela oportunidade.

“Quando te encarei frente a frente,
não vi o meu rosto;
chamei de mau gosto o que vi,
de mau gosto, mau gosto;
é que Narciso acha feio
o que não é espelho ...”

Caetano Veloso

RESUMO

A escola é a instituição responsável pela educação formal. É no seu interior que os relacionamentos interpessoais e as ações de aprendizagem devem convergir para a formação de um ser humano ético, pacífico, solidário, útil para a sociedade. No entanto, neste ambiente, vem crescendo uma violência sistemática que fere os direitos, exclui, reproduz o preconceito e distancia a instituição de seu propósito de formação. Essa violência chamada de *bullying* marca profundamente as vítimas e traz consequências graves para a sociedade. A realização desta pesquisa teve como objetivo, portanto, contribuir para a disseminação de conhecimentos sobre a temática. Para isso, buscou tratar o *bullying* no contexto escolar ressaltando a sua relação com o processo de estigmatização do ser humano e pontuando a educação em direitos humanos como mecanismo de prevenção e de combate desse tipo de violência. Embasada nas definições de *bullying* estabelecidas por Dan Olweus e Cleodice Fante; nos conceitos de estigma desenvolvido por Erving Goffman, a pesquisa foi realizada entre os alunos do sétimo ano do ensino fundamental de uma escola pública do interior de Goiás e teve como objetivo observar o nível de conhecimento dos alunos sobre o *bullying*, o grau de ocorrência dessa violência entre eles, e levantar hipóteses para a escolha das vítimas.

Palavras chaves: escola, *bullying*, estigma, direitos humanos.

ABSTRACT

The school is the institution responsible for formal education. Inside the interpersonal relationships and learning actions must converge to form a human being unethical, Pacific, supportive, useful to society. However, in this environment, has been growing a hurting rights, systematic violence deletes, plays the prejudice and distance institution of its purpose. This violence called bullying deeply mark the victims and bring grave consequences to society. The achievement of this research had as objective, therefore, contribute to the dissemination of knowledge on the subject. For that, treat bullying in the school context emphasizing its relationship with the process of stigmatization of human beings and punctuating human rights education as a mechanism to prevent and combat this type of violence. Based on the definitions established by Dan Olweus bullying and Cleodice Fante; on the concepts of stigma developed by Erving Goffman, the research was formed between the students of the seventh year of elementary school to a public school in the countryside of Goiás and aimed to observe the level of knowledge of students about bullying, the degree of occurrence of this violence between them, and raise chances for the choice of victims.

Keywords: school, bullying, stigma, human rights.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	9
2. JUSTIFICATIVA	11
3. OBJETIVOS	13
3.1 Objetivos Gerais.....	13
3.2 Objetivos Específicos	13
4. REFERENCIAL TEORICO	13
4.1. O <i>bullying</i> e suas características.....	13
4.2 O Estigma e sua Relação com o <i>bullying</i>	14
4.3 A Educação em Direitos Humanos como Meio Combate ao <i>bullying</i>	17
5. METODOLOGIA UTILIZADA E CONTEXTO DA PESQUISA	19
5.1 Pesquisa Qualitativa	19
5.2 Contexto.....	20
5.3 Público Alvo	21
6. PESQUISA - APLICAÇÃO E RESULTADO	22
6.1. Primeira etapa	22
6.2. Segunda etapa.....	23
6.3 Terceira etapa	25
7. PROJETO DE INTERVENÇÃO	25
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
9. REFERÊNCIAS	28

1. APRESENTAÇÃO

A escola tem como um dos seus principais objetivos a formação integral do educando tal como aponta a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996. Ela deve, portanto, capacitá-lo para o convívio pacífico em sociedade.

No ambiente escolar ocorre o encontro de crianças com as mais variadas vivências sociais, culturais e econômicas. Embora haja certa conscientização sobre a importância da tolerância e do respeito ao outro, ainda tem-se neste ambiente uma grande manifestação de um fenômeno que é oriundo da intolerância: o *bullying*.

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar apontaram para um aumento dos casos de *bullying* dentro das instituições escolares em comparação com o ano de 2009, ocasião em que 5,4% dos estudantes pesquisados declararam sofrer *bullying*, em contrapartida com os 7,2% que disseram sofrer esse tipo de agressão no ano de 2012.

Embora as pesquisas na área não datem de muito tempo, os primeiros estudos sobre o fenômeno *bullying* revelaram que este não se trata de um problema recente. Ao contrário, ele sempre existiu - inclusive dentro da família - na figura dos pais ou de irmãos através atitudes autoritárias e cruéis ; no trabalho, através de atitudes opressoras, perversas e dissimuladas de colegas e de chefes. (Fante e Pedra, 2008, p. 34).

Cabe destacar que o *bullying* não se confunde com qualquer outro tipo de violência, tampouco com a discriminação. Para Lopes *et al* (2003 p.2), entende-se por *bullying* “todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executadas dentro de uma relação desigual de poder”. Diferente disso, a discriminação configura-se como situação pontual de rejeição com motivação na cor, religião, raça. A discriminação é, na verdade, um dos atos praticados contra a vítima do *bullying*. (Fante e Pedra, 2008, p 42).

O *bullying* sempre esteve intimamente ligado às formas de estigmatização do ser humano e traz como consequência a discriminação, a estereotipificação.

Considerando as consequências que essa violência acarreta na vida das pessoas, não é possível encará-la apenas como uma brincadeira “sem graça” própria da idade das crianças pelo fato de que, de acordo com Lopes:

Pessoas que sofrem *bullying* quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e à perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros. (LOPES NETO, 2005, p. 5)

Desta forma, essa agressão recorrente pode gerar consequências que transcendem o período escolar e que se perpetuam ao longo da vida tanto das vítimas como também dos agressores.

Em abril de 2011, uma tragédia demonstrou as consequências que o *bullying* pode trazer para as vítimas e para a sociedade. Um ex-aluno da Escola de Ensino Fundamental Tasso da Silveira, em Realengo cidade do Rio de Janeiro, invadiu a escola que estudou portando duas armas de fogo e assassinou dez meninas e um menino, além de ferir mais dez meninas e três meninos. Logo em seguida o agressor suicidou-se.

Depois do choque inicial, buscou-se o entendimento sobre as possíveis motivações para a tragédia, e relatos deram conta de que o ex-aluno fora alvo de violência sistemática por parte de seus colegas durante toda sua trajetória escolar. Outro fato que confirma essa hipótese para a motivação do crime é que a maioria das vítimas eram meninas, fato esse que revela uma “raiva” contra o gênero feminino e denuncia uma possível rejeição sofrida por ele no passado.

Destarte, além dos prejuízos de longo prazo, o *bullying* também traz consequências de curto prazo que, como pontua Lopes Neto (2005, p. 6), podem gerar quadros clínicos como: enurese noturna, alterações do sono, cefaléias, dor epigástrica, desmaios, vômitos, dores em extremidades, paralisias, hiperventilação, queixas visuais, síndrome do intestino irritável, anorexia, bulimia, isolamento, tentativas de suicídio, irritabilidade, agressividade, ansiedade, perda de memória, histeria, depressão, pânico, relatos de medo, resistência em ir à escola, demonstrações de tristeza, insegurança por estar na escola, mau rendimento escolar, atos deliberados de autoagressão.

Diante de tudo isso, é necessário que os professores, diretores, coordenadores, alunos, bem como seus responsáveis, assumam uma postura ativa no sentido não apenas de tentar resolver o problema já instalado, mas de implementar ações que visam combater qualquer tipo de discriminação antes mesmo de que ela se instale. Para isso, é indispensável desenvolver projetos e estilos de ensino que valorizem as diferenças das pessoas. É crucial que estes mesmos projetos sejam trabalhados desde o início do ano letivo.

Por tudo já exposto, esse trabalho objetivou tratar da temática *bullying* caracterizando sua manifestação dentro da instituição alvo da pesquisa, levantando hipóteses que ajudem a entender a escolha dos alvos da agressão e contribuir para o desenvolvimento de projetos focados na prevenção e não apenas na sua identificação e combate, posteriormente a instalação do problema.

Espera-se que este trabalho possa ser fonte de consulta e contribua para a disseminação de informações sobre a problemática aqui abordada.

2. JUSTIFICATIVA

A realidade escolar tem se mostrado perversa para alguns alunos. A escola precisa encontrar meios e métodos de intervenção para amenizar a violência que se instala em seu ambiente e que causa grandes consequências às vítimas dessas agressões repetidas.

O *bullying*, caracterizado como violência, traz consequências psicológicas, sociais profundas para a vítima e influencia consideravelmente no seu rendimento escolar. Para Coloroso (2004) o *bullying* é:

[...] uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Seja premeditada ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma evidente ou as escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o *bullying* sempre incluirá três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de agressão futura. (COLOROSO Apud ROLIM,2008, p.14)

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde Escolar de 2012 revelaram que apesar de a maioria – cerca de 51,2% dos alunos participantes – não ter conseguido identificar os motivos que os fizeram serem vítimas do *bullying*, nos relatos dos alunos que informaram, a possível motivação para esse tipo de violência esteve relacionada a questões que envolviam a imagem e a aparência corporal alcançando um percentual de 18% das indicações . A mesma pesquisa também revelou que houve um grande número de vítimas entre os estudantes que se declaram preto e também entre os alunos que tinham mães sem nenhuma escolaridade. Tais dados reforçam o preconceito, a estigmatização e a estereotipificação como base para esse tipo de perseguição dentro da escola.

Conquanto já se possa observar um crescente número de artigos acadêmicos com abordagens sobre o *bullying*, os estudos nessa área precisam ser mais intensificados, tendo em vista o grau de importância que essa problemática se apresenta para a comunidade escolar e para a sociedade como um todo.

Portanto, partindo da premissa de que é função da escola proporcionar momentos de reflexão para que os alunos tomem consciência acerca de suas ações e das consequências dessas no outro; de que a escola deve formar cidadãos capazes de viver pacificamente em sociedade; de que o ambiente escolar é o mais propício para abordar temas como diferença, tolerância, respeito, uma vez que no seu interior ocorre o encontro de crianças e de pessoas com grande diversidade cultural; de que a escola se coloca como lugar de aprendizagem e de formação de seres humanos com senso crítico, capazes de questionar a realidade da qual fazem parte, objetivou-se nesse trabalho agregar conhecimento a temática *bullying* e contribuir para que os professores, diretores e a comunidade de forma geral tenham uma maior compreensão sobre o assunto e com isso desenvolvam programas que tornem o ambiente das escolas mais humanizado, com desenvolvimento de atitudes e relacionamentos visando uma cultura de paz.

Levando em consideração de que a escola reflete o tempo na qual esta inserida e que por isso, há que se compreender que a violência crescente dentro do ambiente educacional possui sustentação em um modelo de sociedade que está ancorada no preconceito, na estigmatização, este trabalho abordou o *bullying* e

relacionou-o as formas de discriminação presentes na sociedade que refletem nos relacionamentos dentro das escolas.

3.OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Buscar compreender o fenômeno *bullying* no ambiente escolar de uma escola da periferia de Goiânia.

3.2 Específicos

- Buscar compreender aquilo que os alunos definem como sendo *bullying* ;
- Analisar as formas de *bullying* praticadas na escola e verificar sua associação com o processo de estigmatização;
- Propor ações de combate a prática do *bullying* no ambiente escolar.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1 O *Bullying* e Suas Características

O *bullying* é um fenômeno conhecido mundialmente. O termo de origem inglesa não possui tradução na língua portuguesa devido a grande dificuldade de encontrar um vocábulo que tivesse a mesma correspondência, o mesmo sentido. A palavra inglesa deriva de *bully* e na língua portuguesa faz referência a “valentão”, “brigão”, “mandão”.

Apesar da falta de tradução, o termo tem sido difundido na sociedade brasileira nos últimos 13 anos através de pesquisas realizadas pela Associação Brasileira de Proteção à Infância e à Adolescência (ABRAPIA), através da Pesquisas de Saúde Escolar (PeNSE). O *bullying* inclusive não é um problema apenas nacional, mas também mundial. De acordo com Fante (2003) *apud* Silva (p.5), “pode-se afirmar que, o *bullying* está presente em todas as escolas do mundo”.

Os primeiros estudos sobre o *bullying* aconteceram na década de 70 com o professor de psicologia Dan Olweus que diferenciou essa prática das brincadeiras normais de criança. Considerado pioneiro nessa área, Olweus pesquisou sobre a natureza e a ocorrência do *bullying* e definiu um conjunto de sinais que poderiam ajudar na identificação deste fenômeno. Seu projeto de intervenção tinha os seguintes objetivos:

[...] desenvolver regras claras contra o *bullying* nas escolas, alcançar um envolvimento ativo por parte dos professores e dos pais, aumentar a conscientização do problema para eliminar mitos sobre o *bullying* e prover apoio e proteção para as vítimas. (OLWEUS apud FANTE e LEÃO, 2010 p. 3)

Nos seus estudos, Olweus considerou *bullying* as situações nas quais “um estudante é exposto repetidamente, por um tempo prolongado, há ações negativas por parte de um ou mais estudante”. (Olweus apud Barros *et al* 2009, p.5741). Dentro desse conceito, para figurar como *bullying*, as ações do agressor não podem ocorrer de forma ocasional, pois, podem ser classificadas como conflitos comuns. Elas devem, portanto, ser frequentes e acontecer por um considerável espaço de tempo. Cleo Fante e Pedra (2008, p. 39) esclarecem que, para Olweus, “as ações são repetitivas quando os ataques são desferidos contra a mesma vítima num período de tempo, podendo variar de uma ou mais vezes”.

Ainda dentro das características observáveis que evidenciam as ações de *bullying*, Olweus apud Fante e Pedra (2008) elucida que a vítima do *bullying* sempre se encontra em situação desfavorável de poder – o que dificulta a sua defesa. Além disso, ela é agredida sem ter provocado a situação da agressão, isto é, sem ter dado causa que motivasse o ataque.

Fante e Pedra também em seu livro de *Bullying Escolar: perguntas e respostas* fazem distinção entre as brincadeiras de crianças e as ações de *bullying* afirmando que:

As brincadeiras acontecem de maneira natural entre as pessoas. Elas brincam, “zoam”, colocam apelidos umas nas outras, dão risadas e se divertem. Porém, quando essas brincadeiras ganham requintes de crueldades, de perversidade, de “segundas intenções” e extrapolam os limites suportáveis [...] quando uns poucos se divertem à custa de outros, que sofrem não se trata de mais de simples brincadeira, e sim de um ato de violência. (FANTE e PEDRA, 2008, p.38)

As brincadeiras fazem parte da vida da criança. Elas facilitam a socialização, aproximam e incluem. Nenhuma criança deve ser privada desse direito. Entretanto, quando as brincadeiras divertem apenas uma parte dos envolvidos e causa sentimentos de constrangimento e dor para a outra parte, a escola precisa intervir, pois entre a brincadeira e a violência existe uma distância muito pequena.

4.2 O Estigma e Sua Relação com o *bullying*

O termo estigma teve origem na Grécia e se refere a marcações feitas no corpo com objetivo identificar as pessoas quanto ao seu aspecto moral. As pessoas que possuíssem tais marcas deveriam ser evitadas em público, pois se tratavam de criminosos, escravos ou poluídos. O dicionário Aurélio (2015) também traz o significado de estigma como sendo uma “marca, cicatriz perdurável”. Em síntese, os indivíduos marcados, ou seja, estigmatizadas eram pessoas que possuíam sinais que lhes eram imputados com o objetivo de diferenciá-los e de excluí-los do convívio dos demais, uma vez que, o contato com estes não era aconselhável.

Erving Goffman em seu livro “*Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*” discorre sobre o estigma considerando-o como produto de uma sociedade que se habituou a categorizar as pessoas de modo a enquadrá-las em determinada classe estabelecendo, com isso, a sua “identidade social”. Assim, em convívio com seus pares, são consideradas pessoas normais àquelas que reúnem um conjunto de características aceitáveis para o meio social em que vive, para a classe da qual faz parte.

Goffman (1988) afirma que quando o estranho nos é apresentado, analisamos seus atributos e, mesmo que não admitamos, fazemos exigências sobre a sua imagem. Quando da análise percebemos um traço que o torna diferente, deixamos de classificá-lo como uma criatura normal por não se enquadrar dentro dos padrões que estabelecemos. Tendemos neste caso a reduzir o indivíduo a uma criatura deteriorada e para Goffman (1998, p.7), isso é estigma “especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande”.

Ainda de acordo com Goffman (1988), os estigmas podem ocorrer sob três aspectos: abominações do corpo, envolvendo as deformidades físicas; culpa de caráter individual, como as falsas crenças, crenças rígidas, desonestidade materializada sob a forma de alcoolismo, prisão, distúrbio mental, homossexualismo; e os tribais, de raça e religião. Goffman (1998, p.7) afirma que todos esses tipos de estigmas possuem a mesma característica sociológica:

Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor a atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. (GOFFMAN, 1988, p. 7)

Desta forma, um indivíduo estigmatizado, possui todas as suas características positivas (qualidades) apagadas por um traço físico, moral, que foi julgado inadequado para o meio do qual deveria fazer parte. Desse processo de estigmatização surge a exclusão, a discriminação e a estereotipificação do indivíduo, a depender do que for atribuído como atributo negativo.

Por tudo isso, quando as relações sociais se conflitam dentro do ambiente escolar, não é suficiente analisar o problema como se fosse apenas um problema da escola. Para compreender o que justifica as atitudes dos alunos dentro da escola, a equipe escolar precisa lançar um olhar para a realidade na qual o aluno se insere e para o momento histórico-social do qual faz parte. De acordo com Paulo Freire (2006, p. 70) “ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com os outros de forma neutra” e é por isso que ao se relacionar, o ser humano influencia e é influenciado pelo pensamento ideológico vigente.

Portanto, ao analisar um conflito escolar é necessário expandir os horizontes de observação e tentar compreendê-lo na perspectiva da sociedade. É preciso estar atento ao fato de que ao adentrar no ambiente escolar o aluno traz consigo experiências, valores, conceitos que lhe são expostos desde o seu nascimento e que possivelmente o acompanharão durante toda a sua vida.

Segundo Marx e Engels *apud* Cachoeira (2013) a sociedade sempre esteve ancorada em um modelo dominante de “ser” do homem. Segundo os autores:

A história de toda a sociedade até aqui [...] é a história de lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, burgueses de corporação e oficial, em suma, opressores e oprimidos, estiveram em constante oposição uns aos outros, travaram uma luta ininterrupta, ora oculta ora aberta, uma luta que de cada vez acabou por uma reconfiguração

revolucionária de toda a sociedade ou pelo declínio comum das classes em luta”. (MARX E ENGELS *apud* (CACHOEIRA E BAADE, 2013, p. 204)

As relações sociais dentro da escola se apoiam nas lutas de classes históricas que trazem consigo uma bagagem de estereótipos de um ser humano ideal, que em contato com a diversidade do outro explode em os mais diversos tipos de conflitos. De acordo com Silva (2007) vivemos “segundo as normas sociais que oprimem e discriminam a diferença marcada no corpo, sendo que essa discriminação opera mediante a desqualificação do outro”. (NASCIMENTO e DELMONDEZ *apud* SILVA, 2007. p.97).

Analisando o *bullying* definido como uma atividade consciente com o objetivo de ferir alguém, é possível perceber sua estrita ligação com o fenômeno da estigmatização. Isso ocorre principalmente porque seus agressores trazem consigo ideologias ancoradas nesse modelo de sociedade que não tolera pessoas que se não comportam ou que não possuem atributos que se enquadrem dentro dos padrões estipulados. A vítima do *bullying* além de estar em situação desfavorável de poder possui algo que destoa da “normalidade” dos demais alunos.

Para Silva (2007) “Mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a existência do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência” (SILVA *apud* NASCIMENTO e DELMONDEZ, 2014, p.6). Desta forma, ainda que haja um esforço no sentido de não notar o outro em suas diferenças, cedo ou tarde o confronto ocorrerá, visto que ignorar não significa aceitar a diferença e sim fingir que ela não existe. Por isso, é crucial o desenvolvimento de uma postura escolar que valorize as diferenças e promova a desconstrução de estereótipos arraigados na sociedade.

4.3 A Educação em Direitos Humanos como Instrumento de Combate ao *Bullying*

Os direitos humanos são direitos pertencentes a todas as pessoas e tem o objetivo assegurar a dignidade do indivíduo e a sua condição de ser humano. São direitos oriundos de muitas lutas sociais e reconhecidos por organismos

internacionais através da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948. O documento do qual o Brasil é signatário prevê que:

Todos os povos e todas as nações [...] se esforce através do ensino e da educação, por promover o respeito a esses direitos e liberdades e pela adoção de medidas progressivas de caráter nacional e, por assegurar o seu reconhecimento e a sua observância universal e efetiva [...]. (DUDH, 1948, p.4)

A educação além de ser um direito humano em si é também considerada uma ferramenta importante na busca pela efetivação desse direito. Ela é instrumento de mudança social porque é capaz de possibilitar a quebra de paradigmas e de concepções discriminatórias – historicamente presente na sociedade – através do conhecimento, do estímulo a reflexão e do pensamento crítico.

A educação formal se desenvolve dentro da escola. A escola como tal, figura como um local privilegiado para o desenvolvimento e para a promoção dos direitos humanos. Em seu espaço reúnem-se crianças com grande diversidade cultural, e neste espaço são reproduzidos os mais diversos tipos de conflitos que estão presentes na sociedade. O *bullying*, que é um tipo de conflito que tem como motor propulsor a intolerância com o próximo, fere os princípios da igualdade e da dignidade da pessoa humana porque seus autores ofendem, excluem, discriminam e agridem com base nos atributos de diferença do outro. A escola tem essa missão: a de lançar mão de mecanismos que alcancem a promoção da paz e do respeito entre seus alunos.

Para desenvolver uma educação que abarque as concepções dos direitos humanos, as instituições escolares necessitam de transformar suas formas de educar. Precisam construir uma educação sob o pilar da educação em e para os direitos humanos. De acordo com Benevides (2000), a educação em direitos humanos “é uma inculcação de valores, para atingir corações e mentes e não apenas instrução, meramente transmissora de conhecimentos”. Portanto, educar em direitos humanos pressupõe um trabalho contínuo através de vivências diárias de igualdade, de tolerância; através da formação de costumes e hábitos de respeito a dignidade da pessoa; por meio de práticas que valorizem o exercício da solidariedade, da cooperação. Não apenas isso, educar em direitos humanos requer o desenvolvimento de “aptidões necessárias para promover, defender e aplicar os direitos humanos na vida cotidiana das pessoas”. (UNESCO, 2012, p.3).

5. METODOLOGIA UTILIZADA E CONTEXTO DA PESQUISA

O trabalho foi dividido em etapas compreendidas entre a parte de revisão bibliográfica e a pesquisa. A revisão da bibliografia foi dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo buscou conceituar o *bullying*, descrever suas características e diferenciá-lo das brincadeiras normais de crianças porque muitas vezes o problema é ignorado dentro do ambiente escolar por ser colocado como as brincadeiras próprias da idade quando na verdade é um grave problema mascarado de diversão.

O capítulo dois objetivou conceituar o estigma e relacioná-lo a escolha dos alvos do *bullying*. Buscou demonstrar a necessidade de combater qualquer forma de preconceito, estigma e estereotipo a fim de tornar o ambiente escolar humanizado.

O terceiro capítulo tratou de relacionar a educação em direitos humanos como forma de combate do *bullying* escolar.

Após essa abordagem teórica, foi realizada uma pesquisa qualitativa com posterior análise dos dados levantados e reflexão sobre os resultados obtidos.

5.1 Pesquisa Qualitativa

Esta etapa buscou levantar dados sobre a compreensão dos alunos em relação ao *bullying*; entender os seus sentimentos em relação ao fenômeno; buscar, na visão destes, o que possivelmente os teria colocado como alvos do *bullying*.

De acordo com Martinelli (1999) *apud* Roffman (2010):

[...] A pesquisa qualitativa tem por objetivo trazer a tona o que os participantes pensam a respeito do que está sendo pesquisado, não é só a minha visão em relação ao problema, mas é também o que o sujeito tem a me dizer a respeito. [...] não desconectamos esse sujeito de sua estrutura, buscamos entender os fatos, a partir da interpretação que faz os mesmos em relação a sua vida cotidiana. (MARTINELLI *apud* ROFFMANN, 2010, p 15)

Neste sentido, o sujeito da pesquisa não participa apenas como numero, mas torna-se sujeito ativo num processo emancipação.

A primeira etapa da pesquisa objetivou o levantamento de dados que refletissem a realidade da escola em relação a presença do *bullying*. Desta forma, foi proposto um questionário com perguntas para o levantamento desses dados. Nele foram abordados itens que revelassem situações como: formas de manifestação *bullying*; Número de alunos vítimas e o número alunos autores do *bullying*; o número de vezes que a vítima alega ter sido alvo de *bullying*; o tipo de *bullying* sofrido; a motivação do *bullying* de acordo com as vítimas.

Quanto ao questionário, foi elaborado com perguntas fechadas e abertas de forma a permitir uma maior expressão dos envolvidos. Um questionário mais aberto proporcionou uma abertura maior para as respostas, visto que os participantes tinham uma maior liberdade para respondê-lo.

A pesquisa está a serviço do pesquisador. Cabe a ele, interpretar os dados coletados. FALCÃO E RÉGNIER *apud* GATTI (2004, p. 14) afirmam que nem todos os dados são quantificáveis, cabe, portanto neste caso lançar mão de um tipo de interpretação que se relaciona com a interpretação qualitativa da realidade e pesquisada.

A informação que não pode ser diretamente visualizada a partir de uma massa de dados poderá sê-lo se tais dados sofrerem algum tipo de transformação que permita uma observação de um outro ponto de vista. (FALCÃO E RÉGNIER *apud* GATTI 2004, p. 14).

Portanto, não basta transformar os dados em estatísticas, é necessário estudá-lo e encontrar a melhor forma de torná-lo uma informação coerente.

5.3 Contexto

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal situada no interior do estado de Goiás. O município que possui uma população estimada de cerca de cem mil habitantes, fica a uma distância de 24 quilômetros da capital do estado, e integra a região metropolitana de Goiânia. A cidade recebe anualmente uma grande quantidade de pessoas oriundas de diversos estados brasileiros, mas principalmente da Bahia, Tocantins, Maranhão e Pará.

A escola alvo da pesquisa esta localizada na parte central do município e atende a uma gama de alunos residentes nos bairros vizinhos recém-formados. A escola funciona com 11 salas de aulas, nos turnos matutino e vespertino, sendo que, no turno matino a oferta de vagas se destina a alunos que cursam do primeiro ao quarto ano do o ensino fundamental I. No período vespertino as vagas se destinam para aqueles que cursam do quinto ano do ensino fundamental I ate o sétimo ano do ensino fundamental II.

A estrutura da escola é antiga e com poucos espaços para recreação. As salas de aula são pequenas e feitas de placa de alumínio, o que as torna muito quente. Além disso, cada sala de aula deve comportar um número grande de alunos, devido à demanda de estudantes que o município recebe anualmente. Em média, as turmas de ensino fundamental II devem comportar 40 alunos em cada sala.

A gestão da escola é exercida por uma diretora e duas coordenadoras, das quais. uma é coordenadora pedagógica e outra é coordenadora disciplinar. A escola possui um corpo docente composto por onze professores em cada turno.

5.4 Publico Alvo

Esta pesquisa foi realizada no turno vespertino da escola municipal e obteve a participação de 48 alunos compreendidos entre as duas turmas do sétimo ano do ensino fundamental II. A proposta inicial era envolver os 80 alunos matriculados nessas duas turmas, mas por questões desconhecidas, compareceram na escola no dia da pesquisa apenas 48 alunos.

As turmas possuem alunos com idades que variam entre 12 a 14 anos e foram escolhidas tendo em vista a idade destes, período no qual a prática do *bullying* ocorre com uma maior frequência e de forma mais agressiva. Além disso, crianças nessa faixa etária possuem uma maturidade maior para discussão da problemática a ser abordada.

6. PESQUISA DE INTERVENÇÃO – APLICAÇÃO E RESULTADO

Em um primeiro momento, busquei contato com a escola a fim de apresentar a proposta de pesquisa e conseguir autorização para sua realização. Pra isso, conversei com a diretora, a coordenadora pedagógica e a coordenadora disciplinar. Ao tomar conhecimento do tema, ambas se mostraram animadas e afirmaram ser o *bullying* uma das maiores causas de conflito dentro da instituição. A realidade da escola contribui muito para isso tendo em vista que grande parte dos alunos da escola são oriundos de outra região do Brasil ou possuem pais que vieram de outros estados.

Os alunos serão identificados apenas como A-1, A-2 e assim por diante. Esta forma de identificação tem o objetivo de preservar as suas identidades.

Os alunos tiveram liberdade de expressar além daquilo que lhes fora perguntado, portanto, algumas respostas destoarão das perguntas.

6.1 Primeira etapa

Para esta etapa da pesquisa, foram feitas duas perguntas:

1 - Para você, o que é *bullying*?

2 – Por que você acha que foi alvo do *bullying*?

Para A-1, que tem doze anos, *bullying* “é uma coisa que se faz todo dia”. A sua definição para esse tipo de violência tem a ver com o seu cotidiano escolar, que segundo o qual, todos os dias ele passa por situações de *bullying*. O aluno afirma inclusive que seus agressores estudam na mesma sala. “eles me apelidaram de *neguim*, e todos os dias eles me chamam disso”.

Ha de se considerar que a situação descrita pelo aluno 1 muito se aproxima de situações de *bullying*, por se tratar de uma situação repetitiva que lhe causa um sentimento ruim e que não possui uma motivação evidente não se tratando portanto de um caso pontual de discriminação

O aluno A-2 em sua concepção sobre o *bullying*, afirmou que os autores de *bullying* os praticam porque “se acham melhor[es] que outros”. Para ele o *bullying*

tem a ver com o preconceito visto que na sua escola ele é apelidado de gordo, de bola.

De fato, Fante e Pedra (2008) descrevem os autores do *bullying* como alunos “prepotentes, arrogantes e que estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. [...] Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio” (Fante e Pedra, 2008, p.60). Tais características se assemelham com as definições do aluno 2.

O aluno A-3 que tem 13 anos, disse que foi vítima, mas que também foi autor do *bullying*. Esta é uma situação que preocupa muito, visto que, estudos apontam que 80% das vítimas do *bullying* possuem uma grande inclinação para a reprodução dos maus tratos sofridos. Os mesmos estudos afirmam que no futuro, o *bullying* pode alcançar proporções endêmicas. (Fante e Pedra, 2008, p.47)

Ainda segundo A-3, as pessoas praticam *bullying* “pelo fato de acharem que são melhores que os outros, só porque tem roupas de marca”. Ele diz que acha ter sido alvo do *bullying* pelo fato de não possuir o cabelo liso, não ser muito bonito, e não usar roupa de marca.

Para A -4, o *bullying* é um “desrespeito com as pessoas que são diferentes, com quem usa óculos, ou esta acima do peso, ou é magro. Mas ninguém é perfeito”. Ele que afirmou nunca ter sido do alvo de *bullying* disse que as pessoas fazem isso porque desejam magoar os outros e se sentirem valentes.

A-5 para o aluno 5, *bullying* é “você não respeitar e julgar, bater e etc. em outras pessoas somente pela sua aparência ou jeito de ser”. A5, entendem que as pessoas praticam *bullying* para se sentirem melhor, pois já sofreram *bullying* um dia”

6.2. Segunda etapa

Para esta etapa da pesquisa foram utilizadas cinco perguntas:

- 1- Você já sofreu *bullying* este ano?
- 2- Para você quais atitudes são consideradas *bullying*?
- 3- Você praticou *bullying* contra seus colegas este ano?

4- Qual foi o tipo de *bullying* que você foi vítima? Descreva.

5- Em sua opinião, porque você foi alvo do *bullying* ?

A primeira pergunta teve como objetivo identificar o percentual de alunos que sofreram *bullying* dentro da escola no ano de 2015. Para esta questão, 64,96% dos alunos responderam que “sim”, foram vítimas do *bullying*.

Ao serem perguntados sobre o que eles consideravam *bullying* muitos alunos não conseguiram identificar todas as formas de manifestação do *bullying*. Comportamentos como intimidar, humilhar, excluir, chantagear - o *bullying* psicológico - foram identificados como forma de *bullying* apenas por 5 % dos estudantes. Isso mostra que talvez esse tipo de comportamento ainda seja considerado normal dentro da escola de modo que os alunos não conseguiram associa-lo ao fenômeno pesquisado. A maioria dos estudantes descreveram como *bullying* atitudes como apelidar, fazer gozação – *bullying* verbal – e chutar, bater, empurrar – *bullying* físico.

A terceira pergunta objetivou identificar o número de alunos que praticaram *bullying* no ano de 2015. O número foi consideravelmente alto, tendo em vista que 70,82 % por cento dos alunos afirmaram ter praticado *bullying* dentro da escola este ano.

Analisando os dados, também foi possível identificar que dos 70,82 % dos alunos que afirmaram ter sido autores do *bullying*, 49,99% também foram vítimas. Isto significa dizer que um número grande de alunos tanto foi autor, como foi alvo do *bullying*. Além disso, a análise também permitiu saber que somente 14,97% dos escolares foram alvos do *bullying*, e que 20,83% somente foram autores do *bullying*.

Quanto ao tipo de *bullying* mais praticado, grande parte dos alunos, 56,25% , disseram ter sido apelidados, ofendidos, zoados e a minoria disse ter sido chutada, empurrada, cerca de 8,33 %.

6.3 Terceira etapa

Nessa fase a pesquisa consiste em tentar identificar nos relatos dos alunos, quais as possíveis motivos que os fizeram se tornarem alvos do *bullying*. Para isso, 24 alunos deram respostas ao questionamento realizado. Este numero se aproxima do percentual de alunos que afirmaram serem vitimas do *bullying*.

A analise, os dados se apresentou da seguinte forma: 41.6 % dos alunos disseram acreditar terem sido vitimas do *bullying* por causa do seu peso – alguns por serem gordos, outros por serem magros demais; 25% avaliou sua condição como alvo do *bullying* por causa da cor de sua pele, se declarando de cor preta; 8,33% dos estudantes afirmaram que foram vitimados por causa da sua altura e se colocaram como “baixinhos”; 8,33% declararam serem vitimas por possuírem membros ou parte do corpo grande - pés, pernas, seios; 8,33 % se declararam pobres e que foram escolhidas como alvo por causa de sua classe social; 4,16 % dos alunos disseram ser “feios” e que esse foi o motivo da agressão.

7. PROJETO DE INTERVENÇÃO

Com a proposta de intervenção buscou-se chamar atenção dos alunos para as consequências do *bullying* na vida das pessoas e como

1° Momento: As consequências do *bullying*

Foi apresentado para as turmas um vídeo retirado Youtube com o intuito de obter um processo inicial de sensibilização. O vídeo que esta disponível no endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=pqUk0aR81-Q>, trata do depoimento de uma mãe americana chama Amy Briggs, cujo filho suicidou-se depois de ser vitima do *bullying* na escola por longos períodos.

2° Momento: Tipos de *bullying*

Esta etapa teve como objetivo levar ao conhecimento dos alunos todos os tipos de *bullying* existentes. Para isso, foi apresentado para as turmas um segundo vídeo também retirado o Youtube e disponível no endereço eletrônico:

<https://www.youtube.com/watch?v=psieH5qBlpk>. Este vídeo classifica de forma bastante compreensível todas as atitudes consideradas como *bullying*.

3 ° Momento: A Criança e o Adolescente como Sujeitos de Direitos e Deveres

Esta fase se propôs a mostrar para os discentes os seus direitos e deveres e coloca-los como sujeitos desses mesmos direitos e deveres. Para isso, foi trabalhado o Estatuto da Criança e do Adolescente através de uma cartilha.

4 ° Momento:

Neste período, o objetivo da atividade foi levar os alunos a observar no outro mais as qualidades do que os defeitos. Para isso, foi proposta uma dinâmica onde cada aluno deveria escrever em um pedaço de papel uma qualidade. Após, todos deveriam colocar os papéis virados de cabeça para baixo sobre mesa da professora. Um a um foi chamado a frente e convidado a pegar sobre a mesa um papel pegar que continha uma qualidade e rapidamente apontar um colega da classe que possuísse a referida característica, justificando a sua escolha. Com isso, toda a classe foi levada a visualizar as qualidades do outro mais que os atributos negativos.

Os resultados e as mudanças de comportamentos são alcançados em longo prazo. Por isso, espera-se que estes momentos se tornem apenas um início de um novo jeito de educar, isto é, educar sob a perspectiva dos direitos humanos e da diversidade cultural.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa, foi possível notar um importante grau de conhecimento dos alunos sobre o fenômeno pesquisado. As falas destes se complementavam na caracterização do fenômeno, e dos agressores. Ficou evidente que o *bullying* é uma realidade para esses alunos e que uma intervenção efetiva é uma questão urgente.

As conclusões que se pode chegar da análise dos dados é a de que conquanto as escolas tenham buscado trabalhar o conceito e a prática *bullying*

dentro das salas de aula, as ações parecem surtir pouco ou quase nenhum efeito dado à presença tão marcante dessa agressão sistemática em sala de aula.

A postura da escola diante das práticas de violência que se instalam e se reproduzem dentro do seu ambiente deve ser a de uma escola ativa, que não espera intervenções externas para o enfrentamento do problema. Sua postura deve ser coerente com a de uma escola que prima pela integridade física e psicológica de seus alunos.

O enfrentamento do *bullying* dentro da escola requer um trabalho contínuo e prolongado. É insuficiente levar até o conhecimento dos escolares a definição de *bullying*, suas formas de manifestações e intimidá-los a não praticá-lo. Conquanto os alunos envolvidos na pesquisa tivessem um grau de conhecimento considerável sobre o que se tratava ser o *bullying* - e pelo que foi possível observar, a temática já vinha sendo discutida com os mesmos há algum tempo - o grau de violência manifestada entre estes estudantes foi consideravelmente alto. Isso reforça a ideia de que as ações da escola no combate ao *bullying* tem se mostrado ineficaz.

A educação que pretenda desenvolver nos alunos uma postura ética, responsável, de respeito ao próximo e de paz, deve se propor educar na perspectiva de uma educação em e para os direitos humanos. Para tanto, educar sob essa perspectiva pressupõe levar os discentes a conhecer seus direitos, seus deveres, e se perceberem como sujeitos desses mesmos direitos e deveres; Pressupõe o desenvolvimento de uma consciência crítica e reflexiva acerca das formas de preconceito existentes na sociedade e como seguimos reproduzindo-o; pressupõe o desenvolvimento de projetos pedagógicos que valorizem a diversidade que forma a sociedade brasileira.

9. REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Maria Victoria. **Educação em direitos humanos: do que se trata?** São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.hottopos.com/convenit6/victoria.htm>. Acesso em 30 out. 2015.

CACHOEIRA, Alexandre João. ; BAADE, Joel Aroldo. **A Gênese do Preconceito: Uma Reflexão a partir da História da África.** Periódico Semestral Identidade, Vol. 18, n 2, p 201- 213. São Leopoldo , 2013. p. 204. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade>. Acesso em: 20 out. 2015.

DICIONARIO Aurélio online. 2015. Disponível em: http://www.ufjf.br/geografia/files/2009/05/manual_para_monografia_de_conclusao_d_e_curso1.pdf. Acesso em 20. Out. 2015.

EDLA, Hoffmann. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa.** Universidade de Santa Cruz 2010. p. 11 Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/pesquisa_quantitativa_qualitativa_quanti_quali.pdf . Acesso em: 20 out. 2015.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas & respostas.** Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 38.

GATTI, Bernadete A. **Estudos Quantitativos em Educação.** Periódico Educação e Pesquisa, v. 30, n. 1, p 11-30. São Paulo, 2004. P. 14. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1.pdf>. Acesso em 20. Out. 2015.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: Notas sobre a Manipulação da Sociedade Deteriorada.** LTC, 1988. 4. Edição. p. 7.

LEÃO, Leticia Gabriela Ramos. **O Fenômeno Bullying no Ambiente Escolar.** Revista FACEVV, n. 4, p 119 – 135, Vila Vellha, 2010. p. 3. Disponível em: <http://www.facevv.edu.br/Revista/04/O%20FEN%20C3%94MENO%20BULLYING%20NO%20AMBIENTE%20ESCOLAR%20-%20leticia%20gabriela.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

LOPES NETO, Aramis A.. **Bullying- comportamento agressivo entre estudantes.** Jornal de pediatria, v.85 , n 5 (sup.), 2005. p.5. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jped/v81n5s0/v81n5Sa06>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

LOPES NETO, Aramis Antônio; MONTEIRO FILHO, Lauro; SAAVEDRA, Lucia Helena. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes.** 2003. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-154.pdf> . Acesso em 30 out. 2015.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do; Delmondez, Polianne. **Sujeito da diversidade.** Especialização em Educação Em e Para os Direitos humanos no Contexto da Diversidade Cultural. Mod 2, seção. 1. Universidade Brasília. 2014. p.6.

ROLIM, Marcos. **Bullying: o pesadelo da escola um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/14951>>. Acesso em: 08 set. 2015.

SILVA, Manoel Francisco Barros da. **A Violência Escolar (fenômeno *bullying*) no contexto da Gestão Democrática**. p.4 Disponível em: <http://www.simposioestadopoliticas.ufu.br/imagens/anais/pdf/EC49.pdf>. Acesso em: 25 out. 2015.

UNESCO, ONU. **Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos**. 2012, p.3. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001478/147853por.pdf> Acesso: 30 out. 2015.

_____ Declaração Universal dos Direitos Humanos. Brasília, 1998. p. 1. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf> Acesso em: 30 de out. 2015